

Cazuza: O Caso da Veja 1.077 – Análise ética do discurso da revista Veja sobre a doença e morte de Agenor de Miranda Araujo Neto¹

Tatiana NOTARO²

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Resumo

Este trabalho analisa o discurso da matéria “A luta em público contra a AIDS”, publicada pela revista *Veja*, em 26 de abril de 1989. As observações aqui registradas têm como base as determinações do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, de 1987, utilizadas na análise da capa da edição 1.077, sua manchete – “Cazuza - uma vítima da Aids agoniza em praça pública” – e das oito páginas da reportagem, assinadas pelos jornalistas Alessandro Porro e Ângela Abreu. Prestes a completar 20 anos, a reportagem de capa da *Veja* 1.077 ainda consta no *ranking* das matérias mais comentadas da história de 40 anos da revista, com 625 cartas à redação. O material aqui analisado fere declarações do supracitado código e de sua versão atualizada em 4 de agosto de 2007, pela Federação Nacional dos Jornalistas.

Palavras-chave

Teoria do Jornalismo; Ética; Aids-notícia; Cazuza; Código de Ética.

Os anos 80 desenharam-se pelo fim da ditadura, pelos resquícios da liberação sexual da década anterior e pela chegada de uma nova peste: a Aids. A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Sida, em sua sigla em português) fora, primeiramente taxada de “câncer gay”, já que os primeiros indivíduos contaminados eram homossexuais ou bissexuais masculinos, usuários de hemoderivados e consumidores de drogas injetáveis. Tempos depois, o vírus começa a infectar heterossexuais e atinge mulheres e crianças. Estava formada a epidemia que, apenas no Brasil, teve 474.273 casos notificados de 1980 a junho de 2007, segundo dados do Ministério da Saúde.

Para Agenor de Miranda Araujo Neto, Cazuza, a Aids chegou no auge da beleza física, da inspiração poética, da fama e da vida. Quando descobriu que era soropositivo, em 1987, Cazuza tinha 29 anos. Lutou até sucumbir ao vírus e aos seus vícios, em 7 de julho de 1990, aos 32 anos. Nessa história, a mídia esteve presente desde a fase de especulações, no momento em que o cantor resolveu assumir que era soropositivo, e a sua morte. Aqui, entra a

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Entretenimento, práticas socioculturais e subjetividade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Tatiana Notaro é jornalista, formada pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

edição número 1.077 da revista Veja, publicada no dia 26 de abril de 1989, objeto maior de estudo deste trabalho. Na capa, uma doença devastadora na pessoa de Cazuzu que aos 31 anos foi sentenciado por Veja: “Cazuzu – Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”.

Este trabalho analisa a abordagem da Aids pela mídia, com foco na matéria “A luta em público contra a Aids”, publicada na Veja 1.077, explorando os padrões de manipulação da imprensa e teorias de recepção de mensagens, além da construção da aids-notícia a partir do histórico da doença no mundo e na vida de Cazuzu. Para o estudo, utilizamos o método descrito por Márcia Benetti (2007) como Análise de Discurso Francesa, que sugere a fragmentação do texto para observações mais detalhadas. A base das nossas análises é o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, em vigor no Brasil desde 1987, que, aliado às teorias do jornalismo, foi utilizado para que compreendêssemos as falhas cometidas por Veja.

Referencial teórico

Segundo Nelson Traquina (2001), as notícias sobre Aids são claramente orientadas para os acontecimentos aos quais está ligada a doença e, raramente, “são iniciadas por jornalistas” (TRAQUINA, 2001, p. 135). Esta análise de é complementada por Antônio Fausto Neto (1999) em “Comunicação e Mídia Impressa – Estudo sobre Aids”: “Do ponto de vista simbólico, a Aids é um significante com várias dimensões, resultado das diferentes construções de sentidos realizadas pelas estratégias de várias instituições (...)” (FAUSTO NETO, 1999, p. 15). Segundo Herzlich & Pierret (apud SPINK et al, 2001), “foi a imprensa que, de certo modo, fez existir a Aids para o conjunto da sociedade”.

Em sua discussão sobre o ciclo temporal que cerca o exercício jornalístico, Traquina (2001) levanta duas questões relevantes: “a importância do imediatismo como valor-notícia (ROSCHO apud TRAQUINA, 2001, p. 135 e 136) e a obrigação imperiosa de os jornalistas responderem à pergunta ‘o que há de novo?’”. Todas combinam para fornecer aos leitores aquilo que Philip (apud TRAQUINA, 2001, p. 136) descreve como “novidade sem mudança”. Veja, então, trazia a “novidade” sobre o caso: três meses depois do último show, Cazuzu estava mais magro e fisicamente atingido pelos medicamentos. Mostrava-se publicamente e afirmava não estar morrendo – o que justificaria a afirmação da Veja de que o cantor “agonizava em praça pública”.

De início, fica claro que a intenção da edição 1.077 foge do objetivo de esclarecer sobre a Aids, mas expõe o drama de Cazuzu. Não há consultas a especialistas ou discussão

sobre sintomas, contágio ou pesquisas, mas uma sentença de morte do cantor. Essa atitude, Perseu Abramo (2003) classifica como “padrão de ocultação”:

É o padrão que se refere à ausência e à presença de fatos reais na produção da imprensa. (...) O padrão de ocultação é decisivo e definitivo na manipulação da realidade: tomada a decisão de que um fato “não é jornalístico”, não há a menor chance de que o leitor tome conhecimento de sua existência por meio da imprensa. (ABRAMO, 2003, p. 26 e 27)

Segundo Fausto Neto (1991), a mídia constrói o perfil do “olimpiano” nos mesmos moldes dos personagens de ficção e o receptor assim o absorve. Sendo assim, seguindo sua postura de veículo informativo com credibilidade nacional, a *Veja* não poderia se valer do sensacionalismo para expor a Aids à esfera pública. Essa questão da influência que os veículos exercem na esfera pública é abordada por Habermas (1997), que diz que “pessoas ou instituições podem gozar de uma reputação que lhes permitem exercer influência sobre as convicções de outras pessoas, sem ter que comprovar competências e sem ter que dar satisfações”.

Vamos levar em consideração que a Aids era desconhecida na década de 80 e os equívocos sobre a doença foram transmitidos na primeira fase da cobertura jornalística, chamada por Traquina (2001) de “era invisível”. Segundo o autor, o primeiro registro sobre a contaminação por HIV foi publicado no *Morbidity and Mortality Report* (MMWR), em relatos sobre indivíduos masculinos contaminados pelo vírus: “a única característica compartilhada pelos cinco homens que sofriam de pneumonia era que eram homossexuais”. Assim, devemos questionar o resultado final da recepção: em nenhuma das oito páginas da matéria “A luta contra a Aids”, a *Veja* trabalha a Aids enquanto doença, mas transforma o estado de Cazuza em um mote para o sensacionalismo.

Levamos em consideração as explicações de Francisco José Karam (1997), no que diz respeito à relação entre o jornalismo e a publicização de fatos de natureza trágicas, por exemplo. “É necessário dizer que o jornalismo não pode conviver somente com “as coisas belas da vida”. Precisa tratar das tragédias que essa mesma vida carrega, para, inclusive, valorizar as consideradas grandiosas”. (KARAM, 1997, p. 78 e 79). Este trabalho analisa como os jornalistas podem reportar o trágico, o triste e o doloroso sem lhes acentuar estes sentimentos ou tirar proveito destes. Informar sem, no entanto, usá-los em atitudes antiéticas.

Análise

Este estudo analisa as vertentes do sensacionalismo, da ética jornalística, apoiado no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros de 1987 e na captação das mensagens pelo receptor. O “silenciamento” sobre a doença por parte da *Veja* também entra em análise. Como explica Benetti (2007), no processo de análise do discurso, os assuntos ignorados têm tanta importância quanto aqueles incluídos no discurso.

Um dos principais temas que indicam a complexidade do problema ético da atividade jornalística é a relação entre o direito à vida privada e a liberdade de informação jornalística em conexão com o interesse público. De um lado, parece-nos bastante subjetivo definir que onde termina a vida privada começa o interesse público, ou simplesmente que a privacidade deve estar submetida ao interesse público. Também é relevante questionar até que ponto o jornalista é responsável pelo resultado final do seu texto, depois da edição. Segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, de 1987, em seu capítulo 3, artigo 11, é da responsabilidade do jornalista “toda informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros”.

De início, propomos a disposição cronológica da Aids na vida de Cazuzza. Como diz Márcia Benetti (2007, p.111), para o estudo dos sentidos de um texto, “importa compreender que existe uma exterioridade que não apenas repercute no texto, mas que de fato o constitui e não pode ser dele apartada”.

De acordo com relatos registrados no livro “Cazuzza: Só as Mães são Felizes”, de Lucinha Araujo, o cantor suspeitava que houvesse contraído o vírus da Aids em 1985. No dia 31 de julho daquele ano, Cazuzza foi internado e o primeiro diagnóstico revelou uma infecção bacteriana e “negativo” para a contaminação pelo HIV. Mesmo assim, a própria *Veja* levantou especulações: “Depois de sua foto publicada na revista *Veja* e mesmo negando a doença, as especulações sobre o verdadeiro estado de saúde de Cazuzza se intensificaram”. (ARAÚJO apud ARAÚJO, 2004, p. 195)

Em 1987, Cazuzza foi novamente internado e em 26 de abril do mesmo ano, João e Lucinha Araujo tomam conhecimento de que o filho havia sido “tocado pela Aids”. Em maio daquele mesmo ano, Cazuzza teve a confirmação definitiva de que estava contaminado pelo vírus HIV, em exames realizados em Boston, EUA. Em 6 de dezembro de 1988, o cantor aceitava o convite da jornalista Marília Gabriela para uma entrevista no *Cara a Cara*, da TV Bandeirantes. Indagado sobre a doença, negou estar contaminado. Ele assumiu publicamente a Aids em entrevista ao então repórter do jornal *Folha de S. Paulo*, Zeca Camargo, publicada

em 13 de fevereiro de 1989.

Em entrevista concedida na sede da Sociedade Viva Cazuza, no Rio de Janeiro, em 17 de janeiro de 2007, Lucinha Araujo (2007) relatou detalhes do dia no qual Cazuza recebeu em sua casa os jornalistas da sucursal de *Veja*, além dos “efeitos colaterais” da matéria. Enfatizamos que a entrevista concedida pelo cantor aos jornalistas Alessandro Porro e Ângela Abreu não teve seu conteúdo distorcido, de acordo com Lucinha Araujo (2004).

Já no dia em que ela (Ângela Abreu) foi, já levou o editor-chefe aqui do Rio (...), chamava-se Alessandro Porro. Aí eu me lembro que um amigo dele (de Cazuza) que estava lá disse: “Lucinha, dá um pulinho aqui que eu não estou gostando do teor dessa entrevista. Cazuza tá falando tudo”. Eu fui e fiquei escondida escutando. (...) E aí o cara levou um isqueiro Zippo de presente, Cazuza serviu cafezinho, feliz da vida porque ia aparecer na capa da *Veja*. (ARAJO, 2007)

Em 26 de abril de 1989, a *Veja* publicava sua edição 1.077, que trazia o cantor e compositor na capa. Ao ler a matéria, Cazuza teve uma parada respiratória e foi internado na Clínica São Vicente, no Rio. Segundo o registro de Lucinha Araujo (1997), Ângela Abreu alegou que, apesar de seu nome assinar a matéria ao lado de Alessandro Porro, ela não era a responsável pelo texto final, e que este sofrera edição na redação, em São Paulo. Na semana seguinte, Ângela pediu demissão à revista. Segundo o Código de Ética de 1987, em seu capítulo 3, artigo 11, “o jornalista é responsável por toda informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros”.

“A luta em público contra a Aids”

A partir daqui, seguiremos pelas análises da matéria “A luta em público contra a Aids”, objeto central deste trabalho, a qual vamos classificar como texto “A”. Como sugere Marcia Benetti (2007), recortamos fragmentos do texto, que a autora chama de “seqüências discursivas” (SD), método utilizado no estudo dos sentidos na Análise de Discurso francesa (AD). Vamos levar em conta, como diz Benetti (2007, p. 111), que “o texto é parte visível do material de um processo altamente complexo que inicia em um outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário”. Em cada SD, estarão assinaladas em negrito as “formações discursivas” (FD).

Márcia Benetti (2007), em seu trabalho “A Ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*”, identifica tipos de ironia empregados no discurso de *Veja*. A nós, interessam os seguintes: antífrase (“que exprime idéias antiéticas por meio de palavras de sentido contrário”) e sarcasmo (ironia desqualificadora, ofensiva ou injuriosa).

SD1- A – Justificando a manchete de capa

“(…). Primeiro ídolo popular a admitir que está com Aids, **a letal síndrome da imunodeficiência adquirida (FD1-A)**, o roqueiro carioca nascido há 31 anos com o nome de Agenor de Miranda Araujo Neto **definha um pouco a cada dia rumo ao fim inexorável (FD2-A)**. **Mas o cantor dos versos**

Senhoras e senhores

Trago boas novas

Eu vi a cara da morte

E ela estava viva

faz questão de morrer em público, sem esconder o que está se passando” (FD3-A).

A matéria inicia enfatizando que a síndrome da imunodeficiência adquirida é letal (FD1-A) para justificar a sentença seguinte, que afirma que Cazuzza “definha um pouco a cada dia rumo ao fim inexorável”. Essa sentença, inclusive, é usada para dar legitimidade à manchete de capa da revista - “Cazuzza – uma vítima da Aids agoniza em praça pública” - e à foto do cantor, que, naquela época, estava pesando cerca de 40 quilos. Isso justificaria o fim inevitável que a revista anunciou para Cazuzza.

Para afirmar que Cazuzza estava morrendo, os jornalistas deveriam se valer de depoimentos médicos, mesmo diante do estado visivelmente debilitado do cantor, levando em consideração o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros de 1987, que em seu artigo sétimo diz que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”. Entretanto, mesmo sem respaldo dos médicos que acompanhavam Cazuzza, a revista sentencia sua morte. Lembremos que há casos de aids que tiveram uma longa vida, apesar da doença, como o sociólogo Hebert de Souza, Betinho, que conviveu com a Aids de 1986 a 1996.

Quando Veja diz que Cazuzza “definha um pouco a cada dia rumo ao fim inexorável” (FD2-A), noticia a morte do olimpiano sem deixar margens a dúvidas. Para isso, utilizam um artifício irrefutável: a foto do cantor, com olhar incisivo, pele ressecada e vários quilos mais magro. Os braços cruzados e as mãos sobre os ombros, aliados à sentença de “agonia” pela qual passava o cantor, segundo dizia a manchete da edição 1.077, não só infringem o artigo 13, alínea a, do supracitado código, que diz que “o jornalista deve evitar a divulgação de fatos de caráter mórbido e contrários aos valores humanos”, como o artigo 14, alínea b: “o

jornalista deve tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar”. Os FD1-A e FD2-A justificam a estrutura semântica da capa da revista, que traz a agonia de Cazuzza, estampada pela foto, e a manchete que a ratifica. Imagem e texto criam uma sentença que precisa de uma legitimação, como explica Fausto Neto (1991):

(...) Se abstraíssemos o enunciado lingüístico que vem superposto às imagens, estas articuladas com o sintagma *Veja* seriam suficientes para nos dizer: “*Veja como Cazuzza está*”, em nível de efeito e sentido. (...) O olhar e a posição dos braços entrecruzados de Cazuzza apontam para uma articulação pela qual ele não só interpela o leitor, mas lhe oferece a singular ocasião de produzir a seguinte associação: “*Veja como eu me encontro!*”. (FAUSTO NETO, 1991, p.136)

Toda declaração de Cazuzza foi a ele creditada, dando a revista o confortável *status* de mero intermediador. Segundo Fausto Neto (1991), essa intenção da revista é explicitada também pelo formato dado à matéria, que distribui relatos de Cazuzza na íntegra, em boxes que se espalham ao longo das oito páginas da matéria. Trataremos disso mais detalhadamente na análise SD12-A.

SD12-A – Lauro Corona, aidético?

“Ninguém tem mais padecido mais com esses boatos (sobre estar contaminado pela Aids) do que o ator Lauro Corona. (...) ‘Eu não estou com Aids, mas a campanha que a imprensa está fazendo contra mim é tão grande que eu passei a ser encarado como um maldito’, disse o ator a VEJA (...). ‘É uma irresponsabilidade a imprensa noticiar especulações, provocando repercussões ‘definitivas em minha vida profissional e afetiva’, afirmou Lauro, que desde então vem se recusando a falar com jornalistas” (FD15-A).

Segundo Lucinha Araujo (1997), Cazuzza realmente deu depoimento a Alessandro Porro e Ângela Abreu sobre a possível contaminação de Lauro Corona, que foi assim registrado pela revista, em um box na página 85:

SOBRE LAURO CORONA

“Ele deve estar com Aids, sim. Quem tem Aids fica com o cabelo mais ralo no lado da cabeça. É um dos sinais mais claros. Mas ele vai esconder a doença até morrer, vai fazer igualzinho ao Rock Hudson. Ele é muito galãzinho, muito vaidoso. Deus queira que ele não tenha Aids. Mas, de repente, ele vive internado, não sei. (...)” (CAZUZA, 1989, p. 85)

Primeiro, vamos buscar a explicação de Fausto Neto (1991) para a diagramação das páginas da matéria “A luta contra a Aids”, que trazia boxes com citações integrais do cantor.

Segundo o autor, com o tratamento dado pela edição da revista, as declarações de Cazuzza tornam-se autônomas, como se “não tivessem sofrido um processo de organização e hierarquização injucionado pelo próprio campo da produção jornalística” (FAUSTO NETO, 1991, p. 138).

Ao serem autonomizadas, as declarações de Cazuzza são transformadas em espécie de depoimentos (...). Tal organização visa oferecer com efeito de sentido a idéia de que os depoimentos, sendo guardados pela condição do discurso direto, não podem ser contestados, porque foram afinal, e simplesmente, resguardados enquanto palavras ditas por Cazuzza. (FAUSTO NETO, 1991, p. 138)

Neste caso, chamamos atenção para dois detalhes importantes:

As palavras de Cazuzza inspiram dúvida em relação à sua própria afirmativa: “Ele deve estar com Aids sim.” e “Deus queira que ele não tenha Aids. Mas, de repente, ele vive sendo internado, não sei”. Já em FD15-A, *Veja* registra depoimentos do próprio Lauro Corona, que ratifica não estar com Aids e que a “campanha” da imprensa o estaria tornando um “maldito”. Ora, diante dos depoimentos de veracidade duvidosa e Cazuzza e das negativas de Lauro Corona, *Veja* não poderia ter levantado a polêmica. Observemos que, ao chocar as declarações de ambos, a revista declara nas entrelinhas que o ator estava contaminado.

Neste caso, *Veja* compromete o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros de 1987 em dois dos seus artigos: o sétimo, que diz que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”; e o artigo nono, alínea “g”, que estabelece que é dever do jornalista “respeitar o direito à privacidade do cidadão”.

Diante da atualização do Código de Ética, de 2007, o FD15-A fere os artigos sexto, parágrafos sexto, que diz ser dever do jornalista “não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha”, e oitavo, que determina que o profissional deva “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”.

SD14-A – A sentença final da *Veja*

“(…), o drama de Cazuzza tem servido de pretexto para que se escrevam algumas bobagens (FD16-A). O jornalista verde Fernando Gabeira, por exemplo, escreveu que o verso *A droga que já vem malhada antes de eu nascer* é uma “reflexão sobre a própria civilização brasileira, que se instalou com a rapina colonial e a intensa exploração de índios e escravos negros”. (...) Quando o ecologista topar com letras de Tom Jobim, Chico Buarque e Caetano

Veloso, para não falar de Shakespeare ou Dante, quantos séculos de estudo precisará? **Cazuza não é um gênio da música. É até discutível se sua obra irá perdurar, de tão colada que está ao momento presente** (FD17-A). Não vale, igualmente, o argumento de que sua obra tende a ser pequena devido à força do destino: (...). **Cazuza não é Noel, não é um gênio. É um homem cheio de qualidades e defeitos que tem a grandeza de alardeá-los em praça pública para chegar a algum tipo de verdade.** (FD18-A)”

Consideramos esta SD a mais significativa de todo o discurso da *Veja* 1.077, diante do contexto deste trabalho. Observemos os fragmentos em negrito e, se estabelecermos um elo direto entre este parágrafo, o último da matéria “A luta em público contra a Aids”, com o SD1-A, que inicia o discurso da revista, podemos construir um cenário para o real sentido que *Veja* buscou alcançar ao publicar a manchete “Cazuza – Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”: a busca do sensacionalismo através da morbidez.

Em FD16-A, a *Veja* diz que o então deputado Fernando Gabeira escreveu “algumas bobagens” ao descrever que os versos da música “Brasil”, “a droga que já vem malhada antes de eu nascer” poderiam ser interpretados como uma reflexão do processo de civilização do Brasil. Segundo a narrativa da revista, Fernando Gabeira se deslumbrava com as palavras do cantor e compositor pelo mesmo motivo dos fãs – Cazuza estava morrendo e suas palavras ganhavam, por causa do estigma de “derradeiras”, o *status* de profecia. Em toda SD14-A, último parágrafo da matéria, a voz é do emissor, como em monólogo no qual o veículo estabelece uma posição diante do assunto. O tom opinativo é o mesmo do início da matéria.

E diante do questionamento “Quando o ecologista topar com letras de Tom Jobim, Chico Buarque e Caetano Veloso, para não falar de Shakespeare ou Dante, quantos séculos de estudo precisará?”, que culmina com a resposta “Cazuza não é um gênio da música” e a dúvida (da própria *Veja*) de que as músicas do compositor ficariam perdidas em algum lugar daquele tempo, já que não perdurariam.

O próprio tempo provou que a profecia da *Veja* estava equivocada. Em 2004, o filme “Cazuza – O tempo não pára” de Sandra Werneck levou milhões de pessoas aos cinemas em todo País. Até hoje, as composições de Cazuza rendem direitos autorais ao trabalho da Sociedade Viva Cazuza, organização não-governamental criada por Lucinha Araujo, que cuida de crianças aidéticas no Rio de Janeiro.

A repercussão pública

Chegamos às análises das cartas à redação publicadas por *Veja* em 17 de maio de 1989, na edição 1.079. Elas refletem a opinião do campo receptor sobre a matéria “A luta em público contra a Aids”, ainda que tenham passado pelo crivo da edição da revista. O que temos aqui são impressões sobre a matéria, o que nos seria demais subjetivo para uma análise sucinta, como explica Fausto Neto (2002), a respeito dos processos de recepção de discurso sociais:

Como o conhecimento daquilo que a recepção faz com os discursos que lhes são endereçadas não se garante por técnicas de mensuração, tampouco pelo teste de variáveis, o desafio bate à porta dos que trabalham com esses problemas (...). Nesse caso, o desafio estaria na junção, domínio e articulação de um conjunto de procedimentos e técnicas que assegurem, simultaneamente, compreender o tipo de discurso (...) e, também, “entender como as pessoas se apropriam, bem ou mal, desse discurso”. (FAUSTO NETO, 2002, p. 193 e 194)

Observemos:

Tabela 1:

	Favoráveis	Desfavoráveis	Neutros	Total
Edição PE	27	27	4	58
Edição RJ	7	0*	3	11
Total	33	28	7	69

* Uma leitora do Rio de Janeiro elogiou a matéria e criticou a manchete da capa.

Como vemos na tabela 1, a edição 1.079 que circulou em Pernambuco trouxe 58 cartas à redação. Observemos que, destas, 27 apresentam discursos favoráveis à revista, de leitores que consideram a matéria como uma “homenagem” a Cazuzza, “séria”, “realista”, “sensível”, “correta” e “neutra”. A defesa bate na tecla de que a *Veja* revelou a realidade de um doente de Aids. Chamamos atenção a uma carta em especial:

Recebam minha solidariedade pelo “desagravo” que esquisitas figuras promoveram contra a revista VEJA, no Rio de Janeiro, por documentar verdades sobre o irracional, abusado e indecoroso Cazuzza. De triste memória, esse aidético insultou famílias, ofendeu seguidamente o público em seus shows e até desrespeitou o símbolo máximo da nacionalidade – a nossa bandeira. Que os signatários do desagravo – lido em noite de gala e noticiado pela TV Globo – vão todos para os diabos e, ao ordinário Cazuzza, que o inferno o receba, em breve e ardentemente. (JAZADJI, 1989).

No fragmento do deputado Afanázio Jazadji, observamos um discurso extremamente agressivo. A revista, ao publicar esta manifestação, não só desrespeita o exercício do jornalismo, como o cantor e àqueles que assinaram o manifesto contra a *Veja*. O Código de

Ética dos Jornalistas Brasileiros, de 1987, justifica nossa abordagem sobre este fragmento, em seu artigo décimo, alínea “d”: “o jornalista não pode concordar com a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, políticos, religiosos, raciais, de sexo e de orientação sexual”. Da mesma forma, a publicação da carta de Afanázio Jazadji fere o artigo 14, alínea “b”, que diz que o jornalista deve “tratar com respeito a todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar”.

Na amostragem publicada por *Veja* em sua edição 1.079, que circulou em Pernambuco, parte do público leitor entendeu a matéria como uma homenagem ao cantor. Muitos não consideraram sensacionalista sua abordagem, mas elucidativa do ponto de vista da doença e corajosa ao desmistificar a ação do vírus HIV no ser humano. Houve também posições críticas em relação à carta de repúdio lançada por artistas no dia da entrega do II Premio Sharp; outros se ativeram a acusar a revista de falta de respeito com Cazuzza, por ter explorado sua doença com sensacionalismo.

Das 27 cartas, uma chama atenção ao drama de Lauro Corona, que foi referenciado por Cazuzza na matéria. E o argumento do leitor, que disse que “faltou respeito à pessoa do ator e ao seu direito de silenciar sobre seu estado de saúde”, tem respaldo no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, de 1987, que determina em seu artigo nono, alínea “g”, que é dever do profissional “respeitar o direito à privacidade do cidadão”. Por esse universo de fragmentos de cartas de leitores contrários à abordagem feita por *Veja* em “A luta em público contra a Aids”, observamos que a matéria é tratada como “informativo de imprensa marrom”, “injusta”, “grosseira”, “utilização oportunista (...) sem o mínimo de respeito humano”, “sensacionalista”, “apelativa”, “grotesco” e “sarcástica”.

A disparidade entre os fragmentos que circularam em “Cartas” em Pernambuco daquela publicizada no Rio de Janeiro nos chamou atenção. Primeiro, por que apenas 11 foram publicadas na edição 1.079 que circulou no Rio, contra 58 da edição pernambucana. Segundo, pela diferença de porcentagem entre os fragmentos: no Rio, foram publicadas sete manifestações favoráveis à abordagem que *Veja* deu à matéria sobre a Aids de Cazuzza; uma é contrária e critica a capa da revista, mas mantém os elogios à reportagem. Três abordam outros assuntos, não tecendo posicionamentos específicos diante da matéria. Entre os leitores que tiveram suas cartas publicadas, e que se posicionaram a favor de *Veja*, destacamos que, ao contrário dos fragmentos da edição 1.079 que circulou em Pernambuco, a que circulou no Rio se atém a críticas veladas à classe artística e ao manifesto assinado por artistas e lido durante a cerimônia do II Prêmio Sharp.

As diferenças encontradas nas cartas publicadas nas duas edições da *Veja* demonstram que, no Rio, a revista posicionou-se contra os artistas – a maioria deles residem na capital carioca. Na edição de Pernambuco, *Veja* optou pelas cartas que se posicionaram ao seu favor e privilegiou aquelas de linguajar mais agressivo. Visivelmente, as respostas dos receptores foram manipuladas pela revista a seu favor, como se descrevessem posicionamentos seus.

Conclusão

Embora muitas teorias tratem da abordagem mórbida pela mídia, como é o caso da matéria “A luta em público contra a Aids” de *Veja* e sua capa sobre a doença do cantor Cazuzza, elas seriam dispensáveis pelo olhar crítico; principalmente daqueles que compreendem o dia-a-dia do jornalismo. Não estamos aqui falando da autocensura, prática também condenada pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, de 1987, mas apelando para o bom senso profissional. O discurso de *Veja* ignora a informação mais importante do caso: a figura do olimpiano aidético que busca tratamento e continua vivendo. Ao contrário, *Veja* explora a agonia de Cazuzza e utiliza a imagem do cantor para justificar suas posições, afinal, ele mesmo estava publicizando sua agonia.

Observamos que a opinião velada e irônica da revista é costurada aos depoimentos de Cazuzza, dos seus pais e amigos, em um discurso de agonia firmado pelo rosto do cantor, na capa. Seu suplício, pelo discurso de *Veja*, era resultado da vida desregrada, à base de bebidas, drogas e promiscuidade. *Veja* toma para si o discurso médico e, sem respaldo dos profissionais que acompanhavam Cazuzza, redige sua sentença de morte.

A disparidade entre as opiniões dos leitores publicadas por *Veja* vai além da questão ideológica de cada indivíduo, como explicou Fausto Neto (2002), mas segue pelas várias interpretações que a linha irônica da matéria remete. Márcia Benetti (2007) diz que a ironia é um recurso de risco, que põe em questão a credibilidade do veículo, como foi o caso aqui, e acaba por despertar inúmeras interpretações.

Com os estudos de Fausto Neto (2002) sobre o campo da recepção, e diante das manifestações dos leitores à matéria de *Veja*, de acordo com os fragmentos de cartas publicados na edição 1.079 – mesmo cientes de que passaram pelo crivo da edição – podemos concluir que o perfil de leitor “caixa vazia” existia também àquela época. Primeiro, por que a Aids era um assunto desconhecido e, principalmente, pela credibilidade da revista diante do seu público leitor (vemos que mesmo leitores que criticam a matéria, tecem seu desagravo dizendo-se decepcionados com o “deslize” de uma revista “séria” como *Veja*). Isto, não nos

referindo somente aqueles leitores que se posicionaram contra a revista, mas numa análise do campo receptor como um todo. É a questão de influência sobre a convicção as pessoas, “sem ter que se comprovar competências ou dar satisfações”, como diz Habermas (1997).

Como vimos, na edição que circulou no Rio de Janeiro, nenhuma das cartas publicadas foram contrárias ao desfecho que Veja sentenciava para Cazuzu. Importante lembrar que as maiores manifestações contra a matéria estavam, justamente, localizadas da capital carioca, onde residia Cazuzu e onde estavam as manifestações dos artistas.

Por fim, concluímos que o discurso da Veja ignora os preceitos éticos do jornalismo, negando o posicionamento da revista enquanto veículo informativo de credibilidade nacional. Ao tratar de forma irresponsável e sensacionalista um assunto delicado como a Aids, Veja enfatizou preconceitos contra os aidéticos, ratificou o vínculo da doença aos homossexuais, drogados e promíscuos e não assumiu a responsabilidade da informação elucidativa, que trataria a doença do ponto de vista médico e científico. Veja sequer tratou da descoberta da ciência de que o HIV contaminava também indivíduos heterossexuais masculinos, mulheres e crianças, um alerta necessário à sociedade. Além disto, ignorou Cazuzu enquanto pessoa humana, seu estado de saúde já debilitado, e o expôs à esfera pública de forma tão mórbida e desumana que, até hoje, quase 20 anos após sua publicação, “A luta em público contra a Aids” figura no *ranking* das 10 matérias mais polêmicas da história de 40 anos da *Veja*.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ADÁRIO, P. A cara do Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de abril de 1989, Caderno B.

AMIGA, Rio de Janeiro: Ed. Bloch, n. 991, 15 mai. 1989.

ARAÚJO, Maria Lucia da Silva. **Cazuzu: só as mães são felizes**. 2. ed. São Paulo: Editora Globo, 2004.

BENETTI, M.; LAGO, C. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BRASIL. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros de 1987. Disponível em: http://www.comunique-se.com.br/conteudo/central_de_links/legislacao/codigo_etica.htm, acesso em 5 de janeiro de 2008.

BRASIL. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, de 4 de agosto de 2007. Disponível em:

http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf, acesso em 5 de janeiro de 2008.

CAMARGO, J. C. Cazuzza tem vírus da Aids mas diz estar com ‘saúde ótima’. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 de fevereiro de 1989, Ilustrada, p. E6.

Cazuzza diz que sentiu vontade de vomitar ao ler revista “Veja”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 de abril de 1989, Ilustrada, p. E3.

CAZUZA. **Cazuza**: depoimento [dez.1988]. Entrevistadora: Marília Gabriela. São Paulo: TV Manchete, 1988. 1 DVD vídeo. Entrevista concedida ao programa Cara a Cara da TV Manchete

CHEQUER, P. Aids vinte anos – Esboço histórico para entender o Programa Brasileiro, out. 2005. Disponível em <http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMISBD1B398DITEMIDCF21498585DB4D9F8F812B75B92305DAPTBRIE.htm>. Acesso em 29 de abril de 2008.

DUARTE, J.; BARROS, A. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

FAUSTO NETO, Antônio. Comunicação e mídia impressa. Estudo sobre a Aids. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem** – Os casos Corona e Cazuzza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia: entre facticidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, vol. 2, 1997.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

LOGULLO, E. Cazuzza vence prêmio Sharp; artistas lançam manifesto contra “Veja”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 de abril de 1989, Ilustrada, p. E-5.

LOPES, Jorge. O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

MANCHETE. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, n. 1.934, 13 mai. 1989.

MANCHETE. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, n. 1.996, 21 jul. 1990.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

Morre o poeta rebelde dos anos 80. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 de julho de 1990, Cazuzza, p. 59A e 59B.

MINISTÉRIO da Saúde. Aids no Brasil. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMIS13F4BF21PTBRIE.htm>. Acesso em 29 de abril de 2008.

O “exagerado” Cazuzza morre aos 32 anos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 de julho de 1990, Cidades, p. C-1, C-3 e C-4.

PARKER, R. de *et al.* **A Aids no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

SPINK, M.J. et AL. A construção da aids-notícia. São Paulo, ago. 2001. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2001000400019. Acesso em 20 de abril de 2008.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2001.

VEJA, São Paulo: Ed. Abril, 14 ago. 1985.

VEJA. São Paulo: Ed. Abril, n. 1.077, 26 de abr. 1989.

VEJA. São Paulo: Ed. Abril, n. 1.079, 17 de mai. 1989.

VEJA, São Paulo: Ed. Abril, 18 de jul. 1990.